

**QUINTA-FEIRA**  
Lisboa -- 29 de Agosto -- 1951

**5 TOSTÕES**

**4.º ANO**

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

**171**



sempre  
**fixe** semanario humorístico

Propriedade  
**RENASCENÇA GRAFICA**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDACÇÃO E OFICINAS**  
TEL. T. 152, 153, 154  
RUA DA ROSA, 57

# BICHARADA



**- ESTA É QUE É UMA VERDADEIRA ARARA!...**



## Os ditos da semana



**Acabou-se a cerveja e ainda bem. Quem tiver sede que beba vinho, que beba agua, que vá beber da saborosa linfa que a Companhia esguicha, quando esguicha, á razão de 120 centavos cada metro.**

Em materia de bebidas temos vivido em regimen de Liberdade, porque cada um vendia e cada um bebia o que lhe apeteia e em regimen de Fraternidade, porque, nisto da sede, todos somos irmãos para honra e gloria do sr. Carlos Pereira.

Mas agora vae-se finalmente entrar no periodo da igualdade. Com o novo imposto de 40 centavos em litro de cerveja, fecham as cervejarias, que é o que é preciso, para que na terra do vinho, se beba vinho que dá tom á fibra, que tutebrijo no sangue da gente sob a forma de briol, que dá a camoecca, o pilão, o grão na aza, que dá alegria das hortas e a tristeza do Governo Civil e dos hospitais, mas que é uma instituição nacional, o pae do fado, da estalada e do estaladinho, o vinho enfim, que é uma coisa tão boa que nem a missa se pode dizer sem ele.

Agora já não passa a gente pelo vexame de ver a burguezia indinheirada a beber cerveja enquanto a gente se gasta pelos dois cortados com soda.

Seremos todos iguaes.

E depois a grossura do vinho não é impicante como a da cerveja. E toda eteria, a puchar para cima, ao passo que a da cerveja é pezada e sorumbatica e pucha para baixo.

Depois de tudo isto, como remeniscencia dos tempos da cerveja da Portugalia, do Jansen, da Estrela e da Trindade, ficarão apenas os tremocos que antes de ser já eram e a *cerveja nas ventas* que tambem é uma instituição nacional.

E viva o vinho!...

**O "nicola"** Vae ressuscitar o «Nicola». Bocage não aparecerá, mas não faltará o poeta Sevilha. Parece mesmo que uma parte do nome é dado por ele.

**Os leões** Os leões acoçados pela fome, invadiram alguns districtos de Johannesburgo.

Onde elas se fazem é lá mesmo que se pagam.

## O ETERNO MOTIVO



**Francisco Valença** Pois não é nada disso, leitor amigo. Não fugiu, não desertou, não foi no balão com os suissos, o nosso Valença. Estejam descansados. Valença é uma pessoa ponderada, que não se mete em riscos de vida. Os seus riscos são outros — os riscos dos bonecos com que costuma deleitar os leitores do *Sempre Fixe*.

A sua ausencia das nossas paginas quer apenas dizer que um caricaturista não é de pau e tambem tem direito a descansar.

A estas horas anda ele em Rio de Mouro enchendo de ar os pulmões e a sacola de fructas frescas e saborosas.

Estas são pelo menos as informações que nos chegam e que o dão são como um pero, calcurecando leguas de estrada para apanhar os melhores pecegos da região, coisa que o Amarelhe nunca foi capaz de fazer.

Socega, pois, leitor amigo, que o Valença não deserta nem nós passamos sem ele.

O seu lapis incomparavel voltará depois da canicula.

**Uma tromba** Em Alicante, uma tromba de agua arrazou a cidade.

Já não haverá para ahí uma trombasinha disponivel para fazer aquilo que a Companhia das Aguas não é capaz de fazer: dar uma pinga de agua pela tromba de cada um!

Tinha duas vantagens.

Matava-se a sede e talvez o sr. Carlos Pereira, ralado de desosto, se alastasse da Direcção da Companhia levado na enchurrada.

**A campanha** Os electricos passam a ter duas qualidades de campanha:

Umás para o publico e outras para os conductores.

A Companhia não quer misturas.

A gente pucha á corda e o conductor dá volta á manivella.

Ora isto que não é nada, tem uma grande conveniencia.

Sente-se uma pessoa ali como em sua casa; a illusão é perfeita:

—Trim. Trim.  
Até dá vontade de perguntar:

—Quem é?

—Pudesse eu tambem meter numa galola o meu amor...



# TEATRO

## «RETROZ PRETO...»

PARA se elogiar alguém não é necessário nem deprimir nem menosprezar os outros.

Francis — o grande animador das últimas revistas — marcou verdadeiramente o seu nome na que está em scena no T. V. Realmente, a sua obra é digna de se ver, de se apreciar e de se aplaudir. Desde o Teatro Novo — de saudosa memória — que acompanhamos a carreira de Francis. Tem sido rápida e gloriosa. Merece o nome que tem alcançado e merece todos os elogios e todos os encontros, que se lhe tem feito.

Mas... há dias, num semanário ilustrado, acompanhando o retrato em trajes, menos que menores, do cidadão bailarino, vem a seguinte prosa que não achamos justa, pelo que toca aos velhos ensaiadores.

«Há, quando num cartaz surge, a vermichão, o nome do bailarino Francis, há a certeza de que o espectáculo anunciado tem que ser uma manifestação de arte superior.»

A coreografia, que em Portugal não tinha ainda todo o seu esplendor, hoje, agora, em Francis, a grande animação que opera no teatro a noção deslumbradora dos grandes acontecimentos artísticos.

Ainda há pouco tempo os factos dos nossos teatros eram tidos de um ridículo que a mentalidade trágica dos ensaiadores não conseguia ver. Então a coreografia em Portugal — era um bofetão.

Mas surgiu Francis. Bailarino por temperamento e por cultura, cheio de ideias novas, pôs a pouco se foi afirmando. Hoje é um artista a valer, em qualquer parte. O seu nome é um cartaz, mais um cartaz verdadeiro, que atrai e não engana, um cartaz de século muito vinte, de linhas modernas, rutilas e sadias!

É os outros, os antigos, os bofetados clássicos que dizem a contrario...

A parte em *italica* é nossa. Antes de Francis aparecer — e bem aparecido — não havia quem ensaiasse bailados. Talvez duma forma mais antiga, se assim lhe querem chamar, mas lá havia...

É preciso respeitar o trabalho de cada um... e o trabalho que vêm produzindo há muitos anos.

O elogio, em teatro, tem de ser feito com cautela, para se não cair nestes exageros de... querendo pôr alguém em evidencia, deitar abaixo o esforço despendido por outros, que não são positivamente uns abota de clássico... como diz o articulista do semanário ilustrado.

Haja respeito pela boa intenção — do menos — dos que levaram uma vida de trabalho honesto e, muitas vezes, posto em evidencia pela critica.

Não queremos com estas palavras, e com esta observação, defender a classe dos ensaiadores. Eles não nos deram carta para isso. Mas o que é justo... é justo e as coisas devem pôr-se no seu lugar!

O reclame aos artistas está sendo feito duma maneira que excede um pouco as normas seguidas até hoje. Está-se exagerando de tal forma que



**RICARDO COVÕES — Um grande empresario teatral e um homem de boas palavras e melhores obras... no Coliseu dos Recreios... dos outros.**

os mesmos adjectivos são empregados tanto para as primeiras figuras... como para as que tem poucas aptidões. Às vezes, estas, tem outros requisitos que lhes garantem um melhor reclame.

Podamos citar muitos exemplos do que afirmamos, mas não vale a pena.

Vem isto a propósito duma noticia

sobre determinada artista que ha pouco regressou duma *tournee* e que veio a lume num jornal de grande informacao. O nome da *revista* não vem para o caso. No entanto, não resistimos a transcrever um pedaço da prosa elogiativa que acompanhava a noticia:

... uma das mais talitrosas de

todas as atrizes novas, e uma das melhores cantoras do nosso teatro de amanhã.

... que ha poucos anos se apresenta no teatro de revista, apesar de muito nova, dos seus poucos anos, tem uma galeria de tipos que o nosso publico recorda com saudade.

É uma artista privilegiada — nasceu artista. É uma grande ingenia comica, que a revista, o teatro ligero, o teatro menor, fizeram a comedia.

As suas attitudes, seja gestos desarticulados, sua mascara bem vivida, seus gestos bruscos — esculptura em madeira — impõem na dentro da scena e empossam-lhe uma personalidade inconfundivel, unica no nosso teatro musical. Não tem voz, e canta! Sua voz existe e não existe ao mesmo tempo. É uma enciclopedia dos tipos populares, arrancados as voltas, mascaradas que são as humidades de todos os dias.

... e uma coriza, uma coriza! Há grande, que a cidade do Porto, julgando-se descoberto, a enlouquece aplausos e de fôros, em recompensa de longas horas de trabalho que a gentilissima atriz lhe fornece.

Reproduzimos ainda estas passagens do que vem a seguir:

... tem uma coriza de...  
... é uma ingenia comica...  
... tem gestos desarticulados...  
... tem gestos bruscos...  
... não tem voz e canta...  
... A voz existe e não existe...  
... é uma artista... uma coriza grande...  
... a Porto descoberta...

É fantástico! Parece impossível, mas é assim!

Quem isto diz, que não encontramos na cidade alguma valor? Nada disso. É até simpatica e palatinos que se desta. Mas se não é tudo aquilo que lhe chamamos o que se ha de admirar — e os outros — das que realmente tem talento e das que merecem estes elogios?

Quando se encontrara um teatro, o meu tempo?



**José Loureiro, o simpatico empresario, e o seu Ba-celar direito, homem de grandes cabedae e boa forma...**

NÃO pretendemos, nem quer mos, nesta sociedade, ser grã. Ou por outra, não pretendemos que os outros lá'a achem. Tanto assim que a imitamos: Retroz Preto...

Agora o que tem a fazer em mira foi deitar quem quere que seja. Não é isso o nosso festio, nem são essas manias as nossas infernoas.

Diz a sã razão porque um *sa Be* da semana passada foi tido por ofensivo por algumas pessoas. Viram malidade onde se estava brincadeira. Viram ofensa onde se havia *blague*... Quem trabalha merece o nosso louvor e a nossa consideração e as creaturas vizadas — ainda que não pensamos em vizar ninguém — não tem razão em estar feridas. Sabem perfeitamente que somos incapazes duma indelicadeza... e duma grosseria.

No entanto, tem desculpa a attitude que tomaram. Desde a *première* que andam com a sensibilidade muito avariada... a dum arguelro... fizera logo... um cavaleiro!

**O Homem das 5 horas**



# BOM HUMOR

Entre crianças:  
 — Para onde vão os animais quando morrem?  
 — Os que foram bons para o céu.  
 — E os que foram maus?  
 — Para o museu de historia natural.

\*\*\*

Bêbedos:  
 — As estrelas são habitadas?  
 — Claro que são! Não as vê iluminadas a esta hora da noite?...

\*\*\*

Ao fim de 15 dias:  
 Ele: — Vim aqui de proposito dizer-te que estou disposto a casar contigo!  
 Ela: — So isso! E eu a julgar que me vinhas buscar para irmos ao cinema.

\*\*\*

— A mulher é sempre mais bela que o homem?  
 — Naturalmente!  
 — Não! Artificialmente!

\*\*\*

— Nunca me casarei com uma mulher que goste de animais!  
 — Compreendo!...

# Prosa de Cha-Velho

Estreou-se em Paris uma comedia de Tristan Bernard e, caso raro neste autor, não agradou ao publico, passando o teatro a estar «às moscas».

Como um amigo de Tristan Bernard se lembrasse de lhe pedir um «bilhetinho de borla», apressou-se o barbaudo humorista a enviá-lo, acompanhado duma carta em que dizia:

«Ai vai o bilhete, mas aconselho-o a levar revólver, porque as excursões pelo deserto são sempre perigosas.»

\*\*\*

Um actor e escrupuloso ensaiador, sempre desejoso de dar relevo á sua figura e exigente com os seus ensaiados, estava ensaiando uma scena em que ele proprio dominava com uma «tirada» formidavel. Ao terminar, e vendo dois actores que no palco o olhavam com indiferença, disse:

— E' indispensavel que os senhores exteriorisem «ovir-me», fazendo gestos de admiracão, de assombro, de entusiasmo, de...

— Perdão - disse um dos aludidos - mas é igualmente indispensavel que o informemos que nós estamos aqui á espera do «vale» e não entramos nesta scena.

\*\*\*

Um jornalista, encarregado de fazer a noticia dum duelo que se realizava na provincia, telegrafou assim para a sua redacção:

«Realizou-se duelo medico X de-

putado Z primeiro tiro vinte passos segundo quinze sem resultado.»

E na redacção desenvolveram a noticia assim, em prosa de chavelho:

«Realizou-se um duelo entre o conhecido medico sr. X e o fogoso deputado sr. Z. O duelo, que havia despertado grande interesse, efectuou-se á pistola. Ao ser dada ordem de disparar aos dois adversarios, estava o primeiro a vinte passos do segundo e este a quinze, o que não deu grande resultado, pois ambos ficaram ileso.»

E é assim que elas se «arranjam»!

\*\*\*

Um conhecido chefe politico estava explicando á Camara a ultima crise ministerial, as dificuldades que tivera para organizar ministerio e a inclusão de determinado ministro, confessando, ingenuamente:

— Foi por isto que tive que fazer ministro o sr. Fulano...

Fulano, que acaba de entrar, deu «sorte» e interrompeu:

— Não foi V. Ex.ª que me fez ministro, mas sim os meus meritos e a vontade do pais.

O orador deu então um grande suspiro de satisfacão e allvto, exclamando:

— Ora ainda bem! Nem o senhor sabe o peso que me tirou de cima!

Perez la chaise.

# Cada um no seu officio

Ha dias, no *Sempre Fixe*,  
 Fez um medico vertiginoso  
 Por cu ter deitado espicho  
 Em causas de medicina...

Mas, coitado, tanto quiz  
 Fazer graça com a amôscão  
 Que deu prova de infeliz,  
 De inteligencia bem fôscã...

De contrario saberia  
 Que no crime, em tribunal,  
 E' de atender, noite e dia,  
 A medicina legal.

Mais saberia esse alguem  
 Que é difficil de roer,  
 Tudo aquilo, mal ou bem,  
 Que não se sabe fazer...

E surge esta reflexão  
 Que vem a fallar de fome:  
 — Estou com a môscã e então  
 E' dele que vem o coice?!

Mario (Advogado)



Descreve-me q. abriste uma  
 curvatura. Tinha pe de moa?  
 Não, mas tinha um pe de caora!



— Porque estás tu a rir deste senhor?  
 — Porque lhe acho mais piada que á tua.

# Herbert Peacock



Inspector das «linotypes» que está montando os três colossos para o «Diario de Lisboa» e «Sempre Fixe».

# Anedotas a esmo

Entre dois amigos:  
 — Então como está o Joaquim?  
 — Coitado... Está mal. Muito mal, coitado! Tem reumatismo na perna de pau, dores nos dentes postiços, uma inflamação no olho de vidro e começam a cair-lhe os pêlos do chinó.

\*\*\*

Miguel Angelo, o celebre artista, num quadro que representava o Inferno, pintou no meio das chamas um cardeal de quem não era amigo, Leão X, que bastas vezes já vê o grande artista trabalhar, reconheceu a figura do cardeal e pediu a Miguel Angelo para alterar essa parte do quadro. O pintor não o atendeu.

Resultado: o cardeal queixou-se ao Papa daquilo que ele considerava um ultrage.

Respondeu o Pontifice:  
 — Se Miguel Angelo vos tivesse posto no Purgatorio, poderia tirar-vos daí. Pôs-vos no Inferno, e o meu poder não se estende até lá.

\*\*\*

O rei Luis Felipe, de França, tinha nomeado uma comissão, á qual presidia Mr. Dupin. E, porque ela desagradao ao rei, ele dissolveu-a.

Voltando do Palacio das Tulherias, onde tinha sido chamado, disse Mr. Dupin aos colegas:

— E' bem triste, senhores, ser dissolvidos (dez sous) depois de ter sido si francos (seis francos).

\*\*\*

— Meu Deus! Meu Deus!  
 Ao ouvir esta exclamação, a irmã de caridade aproximou-se do doente que a proferira.

— Porque invoca o nome de Deus? Digame o que pretende de Deus porque eu sou sua filha.

— Nesse caso — respondeu o doente — a unica coisa que peço a Deus é que me conceda a graça de ser seu genro.

\*\*\*

Passato il paricolo, gabbato il santo — diz o proverbio italiano.

O navio sofreu uma tempestado horrivel. Um viajante, pondo-se de joelhos e a tremer, prometeu a S. Cristovão, se o salvasse, um cirio de cera tão grande e tão grosso como a esttua deste santo que está na catedral de Notre Dame, em Paris.

Alguem lhe objectou então que, ainda que ele vendesse tudo quanto possuia, não poderia arranjar cera para o cumprimento da promessa.

— Cale-se — disse ele em voz baixa — Se chego a terra não lhe darei senão uma vela da grossura dum dedo.



De modo que ele lhe deu duas grandes bofetadas e você ficou tranquilo?

— Tranquilo? Então o senhor não viu como eu corri?...



— Mas você quando vai para a taberna não pensa na sua mulher?  
 — Sim... mas quando começo a beber foge de mim o medo...

(De London Opinion).



# Elevador da Gloria O belo "Vol-au-Vent"

A ultima anecdota é sempre dum judeu. Esta raça, muito conhecida pela sua avareza, quando lhe cheira a dinheiro é capaz de frigar os miolos ou de vender a familia, contanto que não tenha de pagar o enterro. A historia que vamos contar passa-se na terra, no mar e no ar, três locais distintos e nenhum verdadeiro, porque, existindo como existem, todos os três são inventados pela fantasia do humorista, nas presentes circunstancias.

Jacob e Abraão estavam em Paris enganando o proximo com resultados de numerario positivo, quando resolveram ir a Londres, por via aerea. Dirigiram-se ao aerodromo, procuraram um piloto cara unbaça, pedindo-lhe, claro, um abatimentosinho, visto tratar-se de duas passagens por junto. O piloto recusou, mas Jacob e Abraão tanto insistiram que o az, deveras aziado, disse que sim.

Mas pôs uma condição: — Levo menos trinta por cento nas duas passagens, mas não os quero ouvir mais. Se, durante a travessia, alguém falar, já sabe que pagam as passagens por inteiro.

Dez minutos depois, um *Farmantitan* descolava do campo de Bourget, picando direito á Mancha.

Abraão e Jacob, mudos e quedos como pedregal, não perturbaram a viagem com qualquer pergunta. Um deles até chegou, á mão, varios insectos, para que o seu zumbido não perturbasse o barulho do motor.

Quando se avistou a City, mas ainda sobre o mar da Mancha, o piloto, julgando que devia terminar o suplicio do silencio que tinha infligido aos dois judeus, voltou-se para traz e disse:

— Agora já podem falar. E como o prometido e devido, podem contar com o abatimento dos 30 por cento nas passagens.

Então, Jacob, com cara de succubido, respondeu:

— Ainda bem que me da licença para falar, sr. piloto! O meu companheiro de viagem caiu ao mar, quando voavamos sobre a Mancha!

— E porque não disse logo? — Porque não queria perder o abatimento na minha passagem...

A cosinheira do dr. Mendes era uma esplendida cosinheira e o dr. Mendes era um amavel anfitrião. Lía-se-lhe no olhar franco e aberto a satisfação que ele sinceramente sentia ao ver á sua volta dois ou três amigos saboreando os acepipes da magica Gertrudes, a cosinheira que tinha o segredo dos manjares dos Deuses. Além do que, o dr. Mendes, folgazão e bom conversador, tinha uma adega primorocamente mobilada pelos mais raros e capitosos vinhos.

Era, na realidade, uma delicia frequentar a mesa abundante do *nosse dr. Mendes!*

Isto mesmo repetia eu, com ar melifluo, aos três convivas que comigo festejavam nesse dia o lauto almoço do distinto operador. Foi na altura em que entrou, enfeitado com rosinhas de massa folhada um copulento *vol-au-vent*, que foi saudado com entusiasmo por toda a assistencia. O dr. Mendes procedeu com imparcial justiça á distribuição e todos nós nos afundámos no degostar daquela preciosidade, verdadeira joia da culinaria da Gertrudes.

Tinha um recheio brando, quasi crême, onde algumas trufas e tenros cogumelos davam singular relevo.

Enquanto durou comida nos pratos, ninguem rompeu aquele solene silen-

cio, bem digno das grandes occasões. Mas, ao terminar, bebido um largo trago de *Bucelas Hoch*, para assenttar, foi um explodir de aclamações atroadoras:

— Viva o dr. Mendes!  
— Viva o *vol-au-vent!*  
— Viva a Gertrudes!  
— Gertrudes á praça! — gritei eu, muito convencido.

— Muito bem! Muito bem! — gritaram todos.

— José! — ordenou o dr. Mendes ao criado de mesa. — Vá chamar a Gertrudes!

A Gertrudes appareceu, muito corada, enquanto todos repetiam:

— Viva a Gertrudes do sr. Mendes!  
A cosinheira estava verdadeiramente comovida.

Então, o anfitrião, tomando a palavra, assim a usou:

— Gertrudes, este pastelão estava de se lhe lamber os dedos. De que era o recheio?

— De miolos, sr. doutor.

— Magnifico! E, a proposito de miolos, o enfermeiro trouxe do hospital uns miolos para eu analizar?

— Ah! sr. doutor, eu não sabia que era para isso. O homem deu-me os miolos e eu fiz esse pastelão de que os senhores gostaram tanto.

Cirano de Velhofrac.

## Abandonado



O cão--Boa vai ela... A minha dona logo que apanha o «Fixe» já deixa de ser fixe cá para o Tóto.

## UM DECRETO

E' verdade. Os vinicultores já andam a pôr as mãos na cabeça, por motivo do decreto, brevemente a sair na *Folha de Louro*, que determina a lei seca. Os vinicultores e os utilizadores.

Assim, as leitarias só poderão vender os seus *bröches*, antigos mataborrões usados pela gente que bebe, e o leitinho de pura vaca, da tão saudosa memoria... As tabernas, mesmo guarda-ventadas á iris, transformar-se-hão em deliciosos *apertements* para senhoras de leite e agua de Pernes, onde nasce o rio Alviela.

Os *cairoleiros*, esses, mesmo com fama de vender a boa pinga, passarão a pregar, que não a partida de nos impingir sumo do Tejo por sumo de uva, mas os caixotes, a sério. Devem ter um grande desfalque.

As mercearias terão que *amercearse* dos fregueses, vendendo-lhes o precioso chouriço de Arraiolos, a massa, de tomate, que não serve para comprar melões; o queijo saloio e o cravo cabecinha, que pica na lingua. So o vinho é que não terá saída, por causa das móscaas...

Igualmente os celeiros serão forçados só a transaccionarem o milho — que venha ele! — o grão de bico, o feijão frade — e ha tanta gente da mesma cor! — o feijão manteiga e os tachos e alguardas de barro, com o qual nos, salvo raras excepções, fomos, em tempos que não voltam, fabricados.

Tudo isto é um verdadeiro Eldorado. A policia não se intrometerá com os embriagados; estes não se meterão com as mulheres leiteiras e estas não terão que servir de soda aquelas.

Deixará de funcionar o *Tribunal dos Pequenos Decilitros* e o *Cartaxo*, Torres Novas, a Bairrada, Colares, o Douro, etc., etc., serão arrazados, como a Troia, por utilidade publica.

Agora, sim; a modificação por tanta gente desejada vai ser um facto. Os intestinos dos alcoolicos protestarão contra a *severa medida* e belicosamente hão de protestar.

lvinho.



—O que é que tu gostas mais la no collegio?  
— Das férias...



—Que tem D. Abundio?  
—Uma coisa muito extraordinaria. Bebi dezaseis copos de vinho e foi como se não bebesse nada, mas em seguida tomei um copo de agua e fiquei tonto...



Ele: — Le num jornal que na America um furacão varreu uma cidade.  
Ela: Diz isso a criada que leva meia hora para varrer uma casa...  
(Do Gutierrez).



—E não use os meus vestidos durante a minha ausencia.



# O BOCAGE

### Já andou de electrico

Ainda Santo Amaro não existia. Já Bocage, sempre cauteloso e patriota, andara de electrico-pername. Tinha pilhas de graça e vate e daí a sua combustão espontanea em fazer versos ou vice ou versos... de fazer tentar um Apolo, com ou sem cartuchos.

Vamos, pois, á historia. Era uma vez...  
Reflexões. Era uma vez um gato de apelido Bocage que gostava muito de peixe. Ora o peixe é do mar, a mar fez a sciencia, a sciencia tornou-se hydraulica e a hydraulica transformou-se em Poço do Bispo.

E o Bispo—vamos á historia—em companhia do Bocage, tentou fazer uma travessia terra-terra de Alcantara ate Santos. Não houve peitos batidos, com grande pezo das pilulas *Contra-Fortes*.

Étapes, poucas; gasolina, muita; oleo desaturado relativo; des-jés todos. Mas, Bocage, com a bagagem, quílo-métrica dos versos muito seus—graças á Natura—chegou a Santos, *aportou... aportou... e disparou*.

Pum!  
O sul não se expressa mais do que o Puro—sual de todos os tempos, mesmo revolucionarios que eles sejam.

Como já nos dizendo; Bocage, em Santos, dirigiu-se, em *continente*, para a Companhia do Gaz, a Dument; calculou a gazometria; me lá hero as *compressas* do pessoal, bem entendido! nivelou as turbinas e fez uma gazela.

Foi nesta altura que passou pela Boa Vista uma vara de portos.

Pum!  
Explosão. Bocage, que havia sido electrocutado em novo isto, em Nova York, sem auxilio do Bispo, á cheirando a este, foi para Santa Catarina.

Pum!  
E a excomunhão do Bispo foi fatal. São os conselheiros quem mais protestam contra o anti-fatal de monico.

# O culto do Lar ou o encanto da Casa Nova

Rogério Sebastião, amigo meu de ha muitos anos, mudou, ha meses, da casa que habitava no Molho de Fora para um pequeno terreiro andar da Travessa do Tijolo, de apparencia garrula e atraente.

Eu sempre conheci em Sebastião uma determinação propensão para a acalmia da vida domestica, de que he frequentes vezes exalta o sabor patriarcal, sendo de todos conhecido o seu livro de versos *Oh lar, sem par!* escrito sobre o mesmo assunto e que mereceu da critica os maiores encoimões.

O grande João Maria Ferreira escreveu na *Revista Moderna*: «Livro sim de liricas suaves, castas porém, — O que quero dizer alguma coisa.

Sebastião galantava bastas vezes a seu *Florido Ninho*, deixando comigo para que o visitasse. Mas eu como, em geral, tinha mais que fazer, adia-a visita, ate que, antontem, cagando-me Sebastião nas proximidades da Travessa do Tijolo me arrebatou para com ele jantar.

A casinha era na realidade interessante, apesar de ser pequenissima. Mas Sebastião explicou-me que para ele e para a mulher da chegava bem. E explicava; também um sincero e quente melhor concentra a sua fe em minuciosa emulidinha do que na vasta cathedra.

Eu achei a imagem bonita e comecar a visita a casa. Companhia-se ela de dois quartos e uma cozinha. Esta tinha uma fresta clara e uma clarabóia movel o que lhe dava boa luz e ar. E cada um dos quartos tinha uma janela e uma varanda rasgada.

— Belo ar! — exclamava Sebastião. Mas olha que se tu abres isto tudo ao mesmo tempo, ninguém para aqui com as cortinas de ar.

— Mas e que isto não e para abrir; e só para mostrar que tem janelas.

Eu comecei a encontrar difi-culdades nos olhos, mas não devia ser um formoso.

Quantinho, quantinho; mas, em compensação, no inverno é fresquissimo.

— E a tenda? e a tenda? perguntei interessado.

— A tenda e capota; mas e com mobilia; cama, três cadeiras, uma moza e um mecho, adora o trem de cozida que são três esplendidos tachos de barro e uma cafeteira.

— E quanto e?

— Quatrocentos esudos por mês.

— Apre! Isso e feiz.

— Pois sim mas e uma delicia. E, depois, eu tenho panho finissimo por ha vindo para esta casa.

Calcula tu, que na vespera d' aqui entrar eu não pescava pra cima de historia natural. E agora três meses decorridos, ja sei quasi tanto como aquele celebre Fabio que estudou os

costumes dos insectos e de outros pequenos seres.

— Então passas a tua vida aqui a ler, a estudar?...

— Não. Eu limitome a observar.

— ?!

— São. O estudo experimental é o mais util e eficaz para o saber humano. A' noite, apenas se acende a luz, comeca esta preciosa casa a povoarse dos mais interessantes bichinhos. Tu já reparaste na graça agarrada dos ratos enquanto são pequenos? Aqui ha tantos que nem se incomodam com a nossa presença. Olham para a gente como se já nos considerassem da familia. E não é raro encontrar um ou dois em cima da mesa, a ver com delicia o pássinho que ficara para a sopa do dia seguinte. No comeco, pensei em matalos. Mas eram tantos, que desisti do meu intento e hoje conheço-lhes os costumes, a época da fecundação, o tempo da gravidez; tudo, em fim. Toma nota de que o rato pequeno é muito prolifero.

A barata também. Cá em casa contam-se por centenas. E ha uma coisa muito curiosa que nelas notei. Algumas vezes, sem querer, piso uma ou outra. Ha um pequeno *crac* e eu julgo que as matei. Pois não senhor. Dar á momentos comecam a arrastar-se, somem-se pelos buracos e, dentro de dias, recebem todas *triplex* com um bocado a menos, mas muito senhoras de si, como se não lhes tivesse acontecido nada.

— Agora o que e delicioso é observar a intelligencia dos percevejos.

— O que, também tens disso aqui?

— Muitos e de variadas familias. Emprego as minhas unhas e agulhas a estudalos.

Em geral, aparece a percevejo pai grandello e obriço a fronte, acompanhada pela percevejo-mãe e pelos percevejos. O pai manda a esposa dar a picada em dado sitio. Ela obedece e raspa-se para junto dos outros. A pessoa moribida acorda e cora-se desesperadamente, chamando o sangue a superficie da pele. E' então que o pai percevejo faz sair do escondijo os pequenos, que sugam o sangue de quem foi moribido. E, só depois da prole alimentada e que ele chupa também. A fema fica sempre para o fim. Ora isto não e uma grande lição para os chefes de familia?

— Será... Mas eu acho tudo isso detestavel. Eu eu não poderia parar aqui nem uma semana.

— Que queres? Eu tenho o culto do lar e tiro disto grandes ensinamentos. Na verdade, a unica coisa que me incomoda e a praga das *metags*, que não me deixam dormir...

C. de V.

# O PRETO NO BRANCO...

Mariquinhas, orfã de pai e mãe, era professora. A carstia da vida, tornando-lhe a existencia tempestuosa, decidiu-se a optar pela Africa, refugio mais seguro do que na metropole. Ouvira contar a seu pai que naquele continente, sempre que se mete a mão no bolso, se encontra uma nota.

Ampliosos por temperamento e um pouco interessada por calceno, metteu ombros á empreza e, como era bonita e engraçada, um seu conhecimento com influencias no Ministerio arranjou-lhe o lugar pretendido. E, dias depois, embarcava para a Guiné.

A pouca familia que tinha, assombrada com a resolução gloriosa da menina, que eles julgavam fraca e pusilanime, foi despedirse ao cais.

Dois anos passados, recebia a familia a noticia de que Mariquinhas casara. Referia ela na carta que o marido era rico e como tal possuia vastas propriedades e edificara um lindo palacete com todas as comodidades. Contava que muito se divertia a ouvir o cosinheiro preto falando um portuguez macarronico, quando ella tinha de ir a cozinha dar as suas ordens para o almoço ou para o jantar, e, detalhando, explicava como o cosinheiro transformava os termos vulgares. Assim, as costeletas eram *escalinas*; o esparregado — *batuquedo*; o bibe — *ife*; a mostarda — *moscarda*, etc.

Um ano depois, Mariquinhas telegrafava a familia que seguia para Lisboa com o marido a fim de ir fazer uma cura de aguas a Vidago, mas, por lapso, não disse o vapor em que ia e, quando o vapor atracou ao cais, a familia da Mariquinhas não conseguiu vê-la porque ella embarcava num vapor francez, que a baldou, mais ao marido, em Marselha e por terra fizeram o resto da viagem, chegando a Lisboa um mês depois, tendo feito uma paragem intermédia em Paris.

Dirigiram-se para o Hotel Frankfurt e, dali, Mariquinhas escreveu a familia, comunicando-lhe a chegada a conselheiros para irem conhecer o marido.

As tantas appareu a familia, ansiosa por abraçada e por conhecer o esposo porfim, este estava dormindo nesse momento. Como a curiosidade fosse irresistivel, Mariquinhas levou os seus parentes ao quarto onde dormia o marido e todos entraram cambelosamente, em busca de pes mas — oh! coos! — ficaram aterrados! Viram um preto. Um preto de ventas largas e beiclas salientes e todos exclamaram em unisono: — Olha, E' um preto!

Este, que estava acordado, ao ouvir a exclamação da familia, sentou-se na cama e proferiu muito naturalmente esta frase:

— Não. Havia de ser azul!

# ATUM EM AZEITE?!

# SÓ TENORIO...

MARCA REGISTRADA

Sortes grandes?

só o PINA as vende

75 — Rua de S. Paulo — 77



O chauffeur—Você é que teve a culpa. Eu tenho 8 anos de pratica de automoveis.  
O atropelado—E eu cincoenta de peão.

# Cuidado, rapazes, cuidado, muito cuidado...



Que a fortuna não está sempre ao nosso lado

# Quereis dinheiro? Jogai no

# Lama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA Sempre sortes grandes!



O gatalo: — Pois sim... mas olhem que não foi «goals».





O que se diz e o que se não deve dizer

# Habiboulah, rei do Afganistão e amador do desporto automobilista

O ultimo relatório da Associação de Foot-ball de Lisboa comporta varias tabelas de discriminação das profissões dos jogadores inscritos. Uma passagem de olhos por essas tabelas fornece-nos curiosas elucidaciones.

Barbeiros — Quinze.

E' por isto que tanta vez nos desafios se fazem barbas, mesmo sem sa-lão.

Bola cheiros — Cinco.

Sarradores — Dois.

Tambem esta bem.

Escoveiros — Um.

O quê? Só um? Não pode ser!

Leiteiros — Dois.

Tambem é impossível. Ha, pelo me-nos, dois mil.

Embuidor — Um.

Deve ser qual-quer.

E querem os senhores saber qual é a rubrica mais abundante?

Sem profissão — Cento e cinquenta e quatro.

E' aqui que a porca torce o rabo...

Os jornais publicaram o seguinte telegrama do Afganistão:

*"O rei Habiboulah aprendeu a conduzir um automovel, no qual passava ostensivamente nas ruas de Kaboul."*

*Viajantes afirmam que o descontentamento e o terrorismo reinam no Afganistão...*

E eis como, sob pretexto de informaciones sobre politica estrangeira, os jornais se divertem a malsinar esse pobre animal que dá pelo nome de cavalo-vapor.

Porque afinal, o telegrama a usa o rei Habiboulah de ser um azelha. O que é que diz?

1.º — O rei Habiboulah conduz um automovel.

2.º — O terror reina.

Ha entre estas duas preposições uma relação de causa e efeito. E somos logicamente obrigados a concluir que o rei Habiboulah faz reinar o terror por intermedio do seu automovel.

Surgem duas hipoteses.

Ou o soberano afgão, amador do desporto automobilista, massacrava os seus subditos por azelhic, ou exterminava-os voluntariamente.

No primeiro caso, votamos a conduta de Habiboulah ao desprezo publico.

Na segunda hipotesis, só o podemos admirar por ter imaginado um método tão simples, cortés, civilizado, de suprimir a opposição, fazendo economias.

Toda a gente sabe que custa os olhos da cara reduzir ao silencio os babiludos que se permitem ter idéjas



— Salva-me Aliredo!

— Pois sim... Mas primeiro vem tirar-me de baixo do carro.

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

teria recebido dinheiro para correr na Matchless.

Um jornal pretendeu desfazer a insidia, mas fê-lo duma maneira infeliz pelo recio de abordar a questio de frente.

Ora, nestas coisas, o recurso unico é a antiga portuguesa: — pega de cara.

Toda a gente que tem seguido a carreira desportiva de Mouton Osorio tem a certeza moral de que a acusação é falsa.

E quanto a razão porque ela surgiu — é evidente!

Todos aquelles artistas das medias na Avenida e que não possuem legumes para poderem ir ás Caldas fazer 110 a hora numa estrada apenas sofrível — tinham que se desferrar de qualquer modo. Desferraram-se assim...

\*\*\*

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

**"A Peninha" "Restaurant"**

O seu proprietario previne os seus Ex.<sup>mos</sup> amigos e clientes que reabriu este acreditado "restaurant", na rua Pascoal de Melo, n.º 9.

Esta mudança fez-se em virtude do predio onde se encontrava instalado ameaçar ruina. Este "restaurant" encontra-se em optimas condições de fornecer almoços, jantares e ceias, para o que está aberto toda a noite, enviando-os tambem aos domicilios, com pessoal devidamente habilitado e sob a direcção do seu proprietario, que espera e agradece uma visita á nova

**"PENINHA"**

9, Rua Pascoal de Melo, S.A (a Almirante Reis)  
(junto á fabrica do corvo de Portugal) — TELEFONE 1.6532

O inglês que não chega  
OU  
O misterio do hoxeur desconhecido

Ha tanto tempo ir que o Camarão Procura em vão Um inglês pra atirar ao meio do chão.

Mas o beef pete de essa marroca E esconde-se tão bem Que ninguém O tosea.

Chega hoje, amanhã, quando sera? Tomara ja

O dia luminoso da chegada Do britânico filho de Alem-Mar

A quem o Camarão val aplicar Uma data, um enxerto de pancada.

Um tripetro expliava-me outro dia A razão do misterio, E com ar muito sério Assim dizia:

— «O Santa tem os braços tão compridos,

Joga tanto ou tão pouco, Que do Porto enviou tão grande sóco Que o Staley lá em Londres vacilou E ficou sem sentidos.»

E terminou: «Que grande campeão, aquele Santa! Se calhar é garganta!!!

Zé Maria.



# ECOS DA SEMANA

SANTOS POPULARES

EM CIMA O SENHOR DA SERRA E EM BAIXO A SENHORA DA ATALAIA (NESTE CASO É A INSPOSA)



BEBAI (CERVEJA) VILANAGEM, ENQUANTO A CERVEJA NÃO SÓBE ... E VIVA O VINHO DE "COLARES"



DEVIA SER MODA BEVER BINHO A COPO NOS CAFÉS.

O CONFLITO SINO-RUSSO



E É UM SINO CUJAS BADALADAS DIGO EU CA' ISTO... E AO QUE PARECE VAI TUDO NUM SINO.

UMA MÃO DE VENTO FEZ ANDAR TUDO NUM BADANAL... HOVE QUEM DISSESSE QUE ESTEVEO D'ABO A' SOLTA -

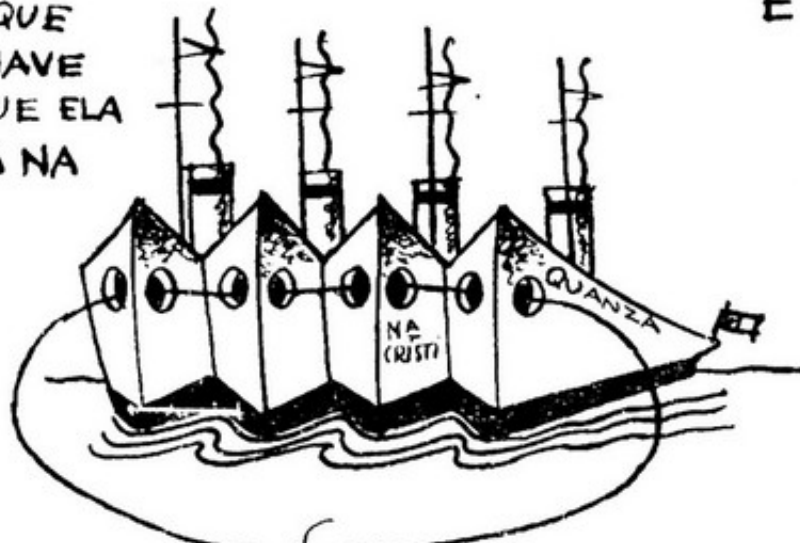


VOMITAVA VENTO E PELOS CHISPES CHISPAVA FOGO.

A FRÓTA NACIONAL

DIZ O DIARIO DE LISBOA QUE DENISE ENGULIU UMA CHAVE "YALE" E O "NOTICIAS" QUE ELA FÔRA ENCONTRADA NA RETRETE.

ORA AQUI ESTÁ UMA COISA LÓGICA



COMEÇARAM AO DESAFIO, A MANDAR VIR NAVIOS, ASCAS COLONIAL E NACIONAL DE NAVEGAÇÃO - BREVEMENTE CHEGARÁ UM QUARTEIRÃO DELES ENFIADOS NUM CORDÉL.

ESTÁ ABERTO CONCURSO

PARA O PREENCHIMENTO DA CADEIRA DO MONUMENTO DO C. P. GRANDE - QUEM SERÁ O FELIZAR DO? GANHA 400 CONTOS E FICA SENTADO - NUNCA HOVE MONUMENTO TÃO CÔMODO.

